



Religião e cultura pop

Religion and pop culture

Cátia Tuna*
Rui Fernandes**

A cultura pop é uma nova mundividência global que faculta narrativas e meta-imagéticas que enquadram ou produzem identidades coletivas e que se entorna particularmente nas culturas juvenis reformulando-as, potenciando-as ou uniformizando-as. Constitui-se como um fluxo de simbólicas que, sendo intrinsecamente heterogêneas ou mesmo contraditórias, permitem uma interconetividade de escala global. A cultura pop é uma grande mitologia urbana contemporânea (Mano, Corso, Weinmann, 2018). Os ambientes e experiências juvenis nela encontram uma plataforma identitária compartilhada em objetos, ícones, gestos e experiências, materializada em diferentes expressões artísticas. Essa identidade pop produz um idioma visual e sonoro específico, com uma simbologia plástica ou mesmo laboratorial que lhe é própria. Pode considerar-se historicamente que a pop se reporta a uma cultura popular, mas não do povo (*folk*) tal como era percebido nas dinâmicas folcloristas, na compreensão que dele tinha o romantismo ou um certo nacionalismo musical. O povo agora é entendido como a massa, num contexto moderno e urbano, compreensível no quadro da descompressão social vivida no pós-Segunda Guerra Mundial. Desde a «cultura popular» à «cultura pop» ocorre um processo de ressignificação no qual o posicionamento dos substratos religiosos também se desloca.

Nessa deslocação, as instâncias religiosas e o mundo pop apresentam-se como duas modalidades diferentes de estabelecimento de «alianças afetivas e emocionais» (Frith 1987, p. 139) e vinculam-se numa relação de concorrência: o pop emerge como um paradigma quase-devocional e quase-ritual alternativo e substituindo-se na tarefa de inscrição dos grupos juvenis numa mundividência que já não é do âmbito da memória mas do presente autogerado, permitindo uma multiconexão global quanto ao espaço e não quanto ao tempo.

A interação entre a cultura pop e o religioso ocorre numa complexa relação que vai desde a tensão à hibridização (Martino 2015, p. 64). Os âmbitos de tangência, fusão ou conflituosidade entre estas duas esferas – o pop e o religioso – emergem seja pela absorção de linguagens e de referenciais iconográficos religiosos por parte da cultura

* Investigadora no Centro de Estudos de História Religiosa e Docente da Faculdade de Teologia da UCP (Portugal). ORCID: 0000-0001-8576-7697 – contato: catiatuna@ft.lisboa.ucp.pt

** Université Saint-Joseph de Beyrouth (Libano). ORCID: 0000-0003-3698-9079 – contato: ruimiguelsj@gmail.com

pop, seja pela inscrição das comunidades religiosas nos dispositivos de uma cultura mediática (os aspetos «popcomunicacionais» da religião: o concerto, a emissão televisiva, realidades como o teleevangelismo, a relevância do recurso aos meios digitais ou a banda desenhada...), numa passagem de um uso instrumental da cultura pop para uma «adoção mais ou menos ostensiva dessas práticas» por parte das religiões, ocorrendo uma «negociação de sentidos» (p. 68).

Uma das componentes estruturantes da cultura pop que se pode auscultar na amplitude das experiências e expressões que reúne é o consumo. Este é, porém, um «consumo ritualístico» (p. 59). De facto, a cultura pop apresenta-se como um estilo de vida baseado num paradigma de fruição e de emancipação, vivenciado nos aspetos sociais do corpo, do espetáculo e do consumo, mas moldado e performado numa lógica performativa de cariz religioso. A proposta de Mark Alizart (2018) orienta-se a oferecer um quadro explicativo religioso para a sociedade de consumo e de entretenimento em que se gera a pop, justificando-a pelo impacto do protestantismo, na mesma relação que Max Weber já propusera entre *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Para o autor de *Pop Théologie*, a cultura pop resulta de uma vitalidade religiosa particular que hodiernamente se verifica.

Por outro lado, quando se procura a religião no pop confrontamo-nos com outra ideia estruturante das identidades pop: a de transgressão. Na cultura pop a lata herança das instituições religiosas já tornada cultura é desafiada a tornar-se também uma cultura em movimento, juvenil, urbana e global, numa trajetória em que as fronteiras dessas instituições são testadas. Estas posicionam-se em face da ética de consumo do pop, entre a interdição e a assimilação. Aquele, por seu turno, constitui-se como repositório de imagens religiosas, usado na construção da personalidade e do poder da superestrela, dos espetáculos emocionais e de outras experiências insuspeitas. O universo dos videojogos veio acrescentar um novo território de construção identitária, onde a performatividade testa os referenciais de espacialidade e temporalidade. Do mimetismo em relação à superestrela, passa-se a uma imaginação irreverente, onde o avatar oferece uma oportunidade (ansiada) de cumprimento de si. Na diversificada paisagem do pop, intercetam-se diferentes coordenadas existenciais. Como consumidores, a pop recompõe a identidade, oscilando entre o ser-se crente e o ser-se fã. Enquanto agentes, a pop reflete um olhar crítico sobre o mundo, umas vezes com a voz cínica de quem suspeita, outras vezes com instintos proféticos de quem exige uma utopia.

As quatro categorias expostas por Simon Forbes (2000) continuam a apresentar-se como uma proposta totalizante e operativa no estudo da relação entre a cultura pop e a religião. A primeira incide na análise da religião na cultura pop, focando-se na presença da primeira na segunda em temas, em ideias, em discursividades, em cenografias, em linguagens... É sobretudo nesta componente discursiva que se pode situar o artigo do presente número da *Rever* que analisa os festivais de música ligeira que ocorreram em Portugal após a Segunda Guerra Mundial. A segunda categoria aborda a cultura pop na religião, examinando-se a apropriação de diferentes formas do pop pelas comunidades, protagonistas ou instituições religiosas. Nesta categoria podem-se inserir dois artigos: o primeiro sobre a Associação de Evangelização Cristo é o Nosso Show e o

segundo sobre a apropriação do *hip-hop* no contexto do catolicismo norte-americano (incidindo nos casos de Fr. Stan Fortuna, dos Frades da Renovação e da FoundNation). A terceira categoria da tipologia proposta por Forbes percebe a cultura pop como religião, perspectivando-a numa ótica funcionalista; nesta perspectiva enquadra-se particularmente a indagação sobre o conceito de teodiceia na obra *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, num dos artigos que constituem a secção temática. Finalmente, a quarta categoria centra-se no modo como as comunidades religiosas se comprometem nos debates públicos mais amplos, num espírito acomodatório ou confrontacional, perspectivando a cultura pop ou como aliada ou como inimiga, analisando-se casos de censura ou iniciativas de cooperação.

Este número da *Rever* insere-se num filão de estudos que tem vindo a desdobrar esta problemática em inúmeros objetos de estudo ao longo das últimas décadas. Insere-se ainda pela abordagem de pressupostos hermenêuticos ou metodológicos (como está patente no artigo que abre a secção temática com a apresentação de uma proposta metodológica que pretende potenciar a análise dos «artefactos da cultura pop» por parte das ciências da religião e da teologia), por uma análise no âmbito da literatura (como no texto sobre as *Crónicas de Nárnia*), do cinema (destacando-se aqui o trabalho sobre os filmes *Parasita* e *O Poço*), no campo concomitante da literatura e do cinema (do qual é representativo o artigo já referido sobre *O Senhor dos Anéis*) e também na esfera musical (veja-se a pesquisa sobre o início do *rap gospel* na região metropolitana de Lisboa ou o artigo em torno da música gospel estudando o caso concreto da Igreja Verbo da Vida na cidade brasileira de Campina Grande). Outros âmbitos emergem como de certa forma inéditos na abordagem nos amplos cruzamentos entre os universos pop e religioso: o dos videojogos patente no artigo sobre o videogame *Fallout: New Vegas* tendo como tópico de análise a masculinidade mórmon e o das figuras alienígenas na emergência da sua percepção como ícones pop nos contextos religiosos brasileiros em que se faz uso da bebida cerimonial Ayahuasca.

Referências

ALIZART, Mark. *Pop Théologie*. Paris: Puf, 2015.

FORBES, Bruce. D.. Introduction: Finding Religion in Unexpected Places. In: FORBES, B. D., MAHAN, Jeffrey H. (Ed.). *Religion and Popular Culture in America*, Berkeley: University of California, 2000, pp. 1-20.

FRITH, Simon. Towards an Aesthetic of Popular Music. In: LEPPERT, Richard, McCLARY Susan (Ed.). *Music and Society: The Politics of Composition, Performance and Reception*. Cambridge: Cambridge University, 1987, pp. 133-150.

MANO, Gustavo, CORSO, Mário e WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Psicanálise e cultura pop: os mitos no contemporâneo. *Psicol. USP*, v. 29, n. 1, pp. 78-86, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Like a prayer: articulações da cultura pop na midiatização da religião. In: SÁ, Simone Pereira de, CARREIRO, Rodrigo, FERRARAZ, Rogério (Org.) *Cultura Pop*. Salvador; Brasília: EDUFBA; Compós, 2015.